

Fernando Henrique Cardoso (Brasília)

Prefácio do Presidente da República do Brasil¹

Excelentíssimo senhor Secretário de Estado das Ciências e Pesquisa, Prof. Dr. Erich Thies, senhores membros da comitiva que me acompanham, Sr. Presidente da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, Prof. Dr. Werner Knopp, Sr. Diretor do Instituto Ibero-Americano, Prof. Dr. Dietrich Briesemeister, senhores professores, senhoras e senhores.

Retornar à vida acadêmica, pelo menos ter algum contato com ela, é sempre um motivo de satisfação para mim, e Berlim me reservou esse prazer duplamente: agora neste colóquio, e há pouco esta manhã, eu tive a honra de receber o título de doutor honoris causa pela Universidade Livre de Berlim. Na conferência que eu ali ia pronunciar, escolhi um tema que dissesse o que é o Brasil, que resumisse de maneira sucinta o caminho trilhado por cientistas sociais brasileiros e estrangeiros que sob ângulos diferentes, perspectivas diversas, dedicaram-se a compreender o Brasil ou os vários Brasís, já que são diversos os retratos interpretativos que as ciências sociais oferecem da realidade brasileira. Dizia que pelas óticas sociológica e política o Brasil ainda é um país injusto. Se o Gilberto Freyre ainda hoje se debruçasse sobre a realidade brasileira, talvez descrevesse o Brasil como «grande indústria e favela». Nossas diferenças sociais continuam a ser marcantes, a criar limites para um verdadeiro projeto nacional. Eu deveria concluir a minha conferência com otimismo. Aliás eu conclui com otimismo, sublinhando que as reflexões sociológicas sobre o Brasil indicam igualmente alguns rumos para entender o que é ser brasileiro. Se quisesse definir o que é ser brasileiro hoje, diria que é alguém que aspira à justiça e à cidadania plena. Este é o brasileiro que emerge das urnas para quem a formação e participação representam, a rigor, modalidades essenciais da

¹ Discurso de improviso pronunciado pelo Senhor Presidente da República do Brasil, reconstituído a partir de gravação, abrindo o Colóquio de Brasília-nistas realizado em Berlim de 20 a 22 de Setembro de 1995.

vida democrática. E se eu recordo algumas passagens da conferência desta manhã, é menos para tentar explicar aos brasilianistas o que é o Brasil, o que é evidente como um processo, e mais para manifestar a minha profunda convicção de que vivemos no país tempos de transformação, cuja principal característica é a marca democrática da sociedade. É esta marca que torna possível, talvez pela primeira vez em nossa história, seguirmos um caminho, que passando pela atenuação dos desequilíbrios mais flagrantes possa unir todos os brasileiros e todas as regiões do Brasil em torno da idéia e da prática de uma nacionalidade resgatada. O Plano Real, que nós lançamos há pouco, nos últimos dois anos, deve ser entendido como um primeiro e importante passo nessa direção. Não só porque a estabilidade tornou os pobres menos pobres, mas também pelo grau de credibilidade que gerou, devolvendo à população a auto-estima e a confiança na Nação. É sobre esse pano de fundo que é possível algum otimismo em relação às perspectivas do país, e é sobre ele que se desenvolverão os trabalhos desse colóquio nos próximos dias. Eu vejo que a agenda do encontro é muito extensa, ela cobre praticamente todos os assuntos mais importantes em discussão no Brasil, além de dedicar um amplo espaço, como é natural e é desejável, às relações entre o Brasil e a Alemanha. A importância desse tipo de encontro é clara: não é sempre que se reúne no exterior um grupo tão expressivo de especialistas para debater as perspectivas do Brasil. Eu digo sempre que governar exige do político uma base organizada de conhecimentos a respeito da realidade sobre a qual ele tem que tomar decisões. É a ciência, e em particular as ciências sociais, que ensinam a conhecer. Encontros como esse de hoje ajudam a organizar conhecimento, a sistematizá-lo, a dele extrair orientações concretas de política que são subsídios importantes para os que têm que governar. Eu tenho procurado estimular no Brasil o aumento, não só da informação, mas talvez do grau de sofisticação intelectual, para que nós possamos tomar decisões mais adequadas. Já é tradição em algum dos nossos setores de governo que isso exista. Por exemplo, no Itamaraty, onde tive a honra de trabalhar, sempre houve uma atitude muito vívida de

análise, de estudos, ela existia quando fui Chanceler, e isso continuou agora, como continuou também com o nosso antecessor. Nós reunimos ali, talvez pela primeira vez, lideranças sindicais para debater a política externa, lideranças empresariais e certamente intelectuais. Não teria sido possível propor o plano que nós propusemos ao país, se não fosse também a colaboração direta de um grupo extremamente competente e brilhante de economistas brasileiros que hoje estão aqui representados pelo Ministro Pedro Malan. Alguns deles deixaram já o governo, voltando às suas atividades particulares. Mas no conjunto, foi essa sua capacidade de entender os processos que permitiu tomar as decisões para que nós entremos num rumo mais adequado. Vejo aqui o Secretário de Assuntos Estratégicos. No Brasil, essa Secretaria deixou de ter em vista programas de tipo militar ou mesmo de problemas muito importantes relativos à segurança, passando para outra área, para se transformar em um local de reflexão, dentro de uma visão de mais longo prazo. Eu acho que isso é fundamental, sem que haja o concurso da Academia, dificilmente haverá um bom governo. E eu vejo, neste instante, neste colóquio, mais uma contribuição a isso. A Academia, por sua própria natureza, não se limita à cidade, ao Estado, ao país, mas abrange um espectro mais amplo. Embora o seu nascedouro, a Universidade, fosse a alma da cidade, hoje ela é alguma coisa que transcende de longe as barreiras e fronteiras. Tudo isso contribui para que nós possamos de uma maneira adequada tomar as decisões pertinentes para chegar aos objetivos, por todos propostos e muito difíceis, de diminuir as desigualdades e aumentar o grau de justiça. E no que se refere especificamente à discussão das relações acadêmicas bilaterais, colóquios como este permitem identificar novas possibilidades e novos ângulos de uma relação que afinal não une apenas dois governos, mas também duas Nações. Além disso, trata-se de dar um novo impulso às nossas relações que são tradicionais e amistosas, mas que sempre poderão ser intensificadas neste momento em que o Brasil e a Alemanha atravessam individualmente uma fase de crescimento e de projeção externa. Eu aproveito para expressar aqui a minha imensa satisfação com os

contatos que nós tivemos aqui na Alemanha, precisamente a nível governamental e agora a nível acadêmico. Eles mostram que nós estamos numa fase em que a Alemanha passa a ter com muita tranquilidade e serenidade um papel decisivo para coopear para a paz mundial e para possibilitar um crescimento econômico que seja mais equitativo. A disposição que eu ouvi a esse respeito por parte de empresários e políticos, a começar pelo Presidente da República e o seu Chanceler, foi uma disposição muito positiva que nos entusiasmou. De maneira que eu, ao concluir essa breve exposição, queria desejar-lhes muito êxito nos seus trabalhos. Antecipo naturalmente meu desejo de tomar oportunamente conhecimento dos resultados do que aqui tenha sido discutido. Porque só assim é que é possível realmente não estiolar na Presidência da República: manter o fluxo de informações. E ao terminar, quero agradecer mais uma vez ao diretor do Instituto Ibero-Americano. Queria dizer ao Professor que está dirigindo esta sessão que efetivamente não é a primeira vez que venho a esse prédio. Recordo-me, não me lembro quando, não há dezenas de anos, mas mais de dez certamente, que tivemos aqui um colóquio extremamente positivo, extremamente interessante, com o hoje Senador Darcy Ribeiro. Ele estava deixando de ser, não sei se antropólogo, ou filósofo, para ser romancista. Sim, neste colóquio, o Darcy, com aquela vivacidade que lhe é peculiar e característica, apresentou a sua imagem do Brasil, naturalmente uma imagem que, por mais que pudesse ser criticada, era fascinante, como tudo aquilo que o Darcy faz. E para mim então, que fiquei de falar depois dele, foi uma dificuldade dizer alguma coisa que não fosse apenas uma coisa sem graça, tal tinha sido o brilho da exposição do Darcy. Mas ainda assim, o Darcy e eu saímos para comemorar as nossas respectivas apresentações. Não sei se os outros gostaram, nós dois gostamos imensamente. Eu espero que vocês também fiquem todos imensamente felizes uns com os outros. E com tudo o que vai acontecer aqui no colóquio.